

Filhos...Filhos? Melhor não tê-los?*

“Parece senhora? Não, é.
Não conheço aparências.
Eu sei dentro de mim
O que se passa”
‘Hamlet’, de Shakespeare

José Carlos Guedes

Resumo

O artigo parte da análise crítica do livro, *Sem filhos: 40 razões para você não ter*, da psicanalista franco-suíça Corinne Maier, mostrando como sua tese vai na contramão do pensamento de Winnicott. O *filho* é abordado como elemento constituinte de nossas subjetividades, mas também como fruto de uniões falsos *selves* winnicottianos, de pais e mães, e o que isso pode gerar em termos de inseguranças e dúvidas. Finalmente, como a estética da poesia trata essa questão, possibilitando o viver criativamente de acordo com o pensamento de Winnicott.

Em seu livro *Sem filhos: 40 razões para você não ter*, a psicanalista suíça Corinne Maier radicada na França, questiona a vontade de ter filhos. Cabe ressaltar que esse livro já está em sua quarta edição, vendeu na França algo em torno de 45 mil exemplares e está na lista dos mais vendidos.

Para Corinne, quanto mais a natalidade aumenta, menos as pessoas dizem que estão felizes. Para ela, “ter filhos é uma aspiração idiota: filhos custam caro, poluem, e sobretudo, afundam a existência das pessoas. Por eles devemos renunciar todo o resto, como lazeres, vida de casal, amigos, sexo e sucesso social. E isso durante 20 anos, até que a maravilhosa criança radiante se transforme em um jovem sem futuro, um desempregado, um perdedor. Diz ela: as sociedades que privilegiam as crianças, na verdade, penalizam os adultos. E vai mais além: os

[□] Este artigo foi apresentado no XVIII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott, realizado no Rio de Janeiro no período de 30/10 a 1/11/2009.

filhos, que são verdadeiros fardos, parasitas, também são muito criativos. Ficarão doentes, quando você quiser sair para se divertir e vão atrapalhar, quando você fizer uma festa com os amigos.” E por aí vai...

É espantoso ouvir uma psicanalista falar de um filho como se falasse de um objeto. Como se falasse de um automóvel, por exemplo, que custa caro, polui, dá trabalho, despesa com a manutenção, e enguiça quando você precisa sair, se divertir etc..

O que Corinne propõe, a médio prazo, é a dissolução da família. Indo, portanto, na contra-mão do pensamento de Winnicott. Em seu livro, *A família e o desenvolvimento individual*, capítulo 6, Winnicott é categórico: “não haveria nada de novo em afirmar que a família é um dado essencial de nossa civilização. O modo pelo qual organizamos nossas famílias demonstra, na prática, o que é nossa cultura.” E a família passa a se constituir como tal, com o nascimento do primeiro filho. “Todos precisam de uma família.”

É importante lembrar que Corinne Maier é uma psicanalista franco-suíça. E, aqui, nós estamos reunidos num encontro latino-americano, com a nossa cultura, nossas peculiaridades, dificuldades e mazelas onde, além das questões objetivas, a constituição de nossas subjetividades está calcada em nossas estruturas familiares.

Para que formemos essas famílias, torna-se imprescindível que tenhamos filhos. E que, apesar das contradições, desavenças e discordâncias, não podemos negar a força afetiva e emocional que isso representa para nós. Um filho, para cada um de nós, pode ter diferentes representações: vaidade, afirmação pessoal, a realização de um sonho, a necessidade de dar continuidade a nossa existência, fortalecimento do núcleo familiar etc. e, até mesmo, inicialmente fruto do acaso. Diz Winnicott: “Nunca é demais enfatizar-se que a integração da família se deriva da tendência integrativa de cada criança individualmente”.

Na medida em que esse filho vai se desenvolvendo, mediante todo o trabalho, noites sem dormir, preocupação de toda ordem, irritação, independente de nossa vontade, vamos interagindo, criando laços, experimentando uma nova forma de amar. Em função desse amor somos capazes de renúncia, dedicação muitas vezes exclusiva e o reconhecimento de um novo significado para nossas vidas.

Aqui no Cone Sul, principalmente na Argentina, no Chile, Uruguai e Brasil, fomos em nossa história recente massacrados de uma forma pusilânime, violenta e cruel por ditaduras que baniram, torturaram e mataram muitos de nossos irmãos que sonhavam com uma vida mais digna, com mais liberdade, auto-determinação, justiça social, o fim da fome, da miséria, e educação e saúde para todos, indiscriminadamente. Sufocaram nossos sonhos, mataram nossos filhos, dizimaram centenas de famílias.

Quero fazer, aqui, uma homenagem às bravas e corajosas Mães da Praça de Maio, na Argentina, que simbolizam toda a nossa repulsa e indignação. Pessoas assim são imprescindíveis, como nos ensinou Bertold Brecht. Tudo em nome da profundidade do amor. Poderíamos nos perguntar: Filhos... Filhos? Melhor não tê-los? Mas os tivemos e, apesar da dor, nos orgulhamos de tê-los tido.

Trazer essa questão para esse encontro é agir winnicottianamente. Winnicott, quando propunha uma Psicanálise extra-muros, colocava os psicanalistas fora da defesa das quatro paredes de seus consultórios, levando-os a se comprometer com o social e o político, desvelando o âmago das subjetividades humanas nas suas práxis.

Para que possamos prosseguir em nossas reflexões sobre o surgimento de um filho, fundando a horda familiar, vamos fazer um recorte e trabalhar com a dinâmica dessa escolha, entre casais heterossexuais que vivam juntos, casados ou não. Apesar de sua importância não abordaremos os filhos de casais homossexuais, nem os filhos adotivos, porque senão abriremos um leque de variáveis que não caberia nessa limitação de tempo e espaço. Fica, entretanto, a sugestão para próximos desdobramentos.

A nossa prática clínica mostra-nos que a opção por ter um filho, sendo consciente e/ou inconsciente, traz em seu bojo um conflito subjetivo, em menor ou maior escala, por uma das partes, ou por ambas. Conflito esse que muitas vezes é inicialmente negado.

Esse conflito, ou essa tensão criada entre sentimentos de aceitação e rejeição, funciona, em parte, como defesa contra a insegurança e o medo diante do novo, do insólito, do desconhecido. Tudo isso proveniente das limitações que estão articuladas a nossa primeira infância, a nossa condição mesma de filhos, trazendo à tona a nossa ambientação familiar com suas falhas e fracassos, promovendo lacunas no “*holding*”.

Aliás, tanto na parentalidade como na sexualidade, marcamos o que nos diferencia, nesses particulares, dos animais ditos irracionais. Assim é a natureza da condição humana, que transforma essas experiências simples e naturais em algo complexo e infeliz. Somos parte dessa cultura, desse “privilégio” do homem civilizado. Esse mal-estar gerado que, em seus estudos, Freud tão bem desenvolveu.

A Psicanálise entende o sujeito na sua singularidade e na sua constituição; sabemos que o sujeito não se constitui sem a relação com o seu semelhante. Aqui, já podemos pensar que não há similitude maior e mais completa do que pai(mãe) e filho(filha), estando presente, inclusive, a força e o poder da genética. Pode ser que, por aí, encontremos uma justificativa, da ordem do inconsciente, para a escolha da paternidade: a necessidade de se constituir plenamente, enquanto

sujeito. E não há nada mais pleno e genuíno do que um filho pela sua semelhança em diferentes níveis.

Entretanto, devemos considerar, que a opção pelo filho passa, inexoravelmente, pela escolha do parceiro(a) com quem iremos compartilhar essa vivência. Essa escolha liga-se diretamente, em diferentes gradações, ao nosso *self* (falso ou verdadeiro), na compreensão winnicottiana. Sendo assim, a opção por um filho estará mesclada nessa escolha inicial, sofrendo as conseqüências dela. Com o nascimento do filho forma-se o triângulo, onde os três vértices interagem.

Winnicott refere-se à onipotência mágica do bebê, criando o seio, a mãe, o pai. Quero acrescentar que, nesse triângulo que se forma, também a mãe se vê criando o filho e o pai desse filho, que já não é mais só o companheiro, mas também o pai desse filho. O mesmo ocorrerá com o pai em relação ao filho e a mãe. Todos são criação de todos, muito embora existindo na realidade. Refiro-me à aquisição do princípio de realidade em Freud onde, primeiramente, os pais com o ego já formado, e posteriormente, o filho, conseguem ver o mundo como é, formulando os conceitos de realidade e verdade (internas e externas).

Lembremos que essa dinâmica, que se estabelece desde o início na constelação familiar, tem como pano de fundo os *selves*, tanto do pai como da mãe, comprometendo suas escolhas recíprocas. Escolhas essas, portanto, que serão mais ou menos ilusórias, justificando a união de ambos.

Julio de Mello Filho em seu livro *Vivendo num país de falsos-selves*, descreve as diferenças entre o falso *self* masculino e o falso *self* feminino. Diz ele que, mesmo a partir das mudanças surgidas com o movimento feminista e a emancipação da mulher, as diferenças dos falsos-selves do homem e da mulher passaram por mutações, mas foram mantidas. Quando Winnicott descreveu as características das pessoas falso-selves, ele nos falou de suas pobreza culturais, de serem uns “colecionadores de ilusões”. Portanto, como dissemos acima, os filhos oriundos dessas escolhas serão produtos delas.

Espera-se que, nesses casos, a gravidez, esperada ou não, esteja impregnada do sentimento de dúvida, explícito ou recalcado.

Mesmo nas uniões mais estáveis, harmoniosas e sólidas não podemos abdicar da presença da dúvida, quando se trata da decisão de ter um filho. Pois é uma decisão definitiva, irrevogável.

Vejam que estamos diante da inevitabilidade da dúvida, da divisão, da incerteza. Podemos, todavia, conviver com esses sentimentos dúbios, que a vida segue seu rumo modificando, no dia-a-dia, seus significados, e possibilitando o fortalecimento dos laços afetivos e de seus significantes.

Maria Rita Kehl, em seu livro *Ética e psicanálise*, cita o sociólogo Norbert Elias que influenciou Michel Foucault, e foi um estudioso da obra de Freud na década de 30: o homem, dividido no espaço de sua intimidade, ocupa “o lugar da verdade do indivíduo”, separado do espaço público pela adoção de máscaras de recato, civilidade e cortesia. Elias se aproxima do pensamento psicanalítico supondo, como resultado desse processo, a formação interna de controle, equivalente ao supereu, encarregada da vigilância de áreas cada vez mais vastas de comportamentos, impulsos e pensamentos. É ou não é parte do entendimento de Winnicott em relação à formação do falso *self*?

Maria Rita, que também é poeta, entende que “um dos recursos do sujeito dividido que fala a partir de sua divisão, renunciando a bancar uma unidade artificial à custa do recalque, é a poesia”. A um só tempo triunfo do eu e derrota do narcisismo, a palavra poética é o que dá voz ao sujeito dividido em sua fragilidade; é a afirmação de uma voz frágil, lugar do feminino por excelência, lugar de um gozo a mais que insiste em efetuar a passagem do indizível à linguagem.

Na poesia a divisão do sujeito se afirma enquanto divisão, sem buscar nenhuma síntese. “A lógica do inconsciente entre - isto e aquilo - prevalece sobre a lógica imperativa do supereu ou isto ou aquilo”. Acrescento, a angústia gerada pela dúvida, assim como nos retrata Cecília Meirelles em seu poema: *Ou isto ou aquilo*.

A beleza sonora e estética da poesia não nos livra da tensão vital. Pelo contrário, a poesia aponta para a renovação do jogo tenso entre a falta de sentido e o prazer da significação. É um convite para o inusitado, para o que surpreende, para o impalpável. Ela não compactua com verdades, certezas e dogmas. A poesia aposta na vida e seus desdobramentos, esse eterno vir-a-ser, nos convidando para um viver criativamente na concepção de Winnicott.

Fiquemos com trechos do poema de Vinícius de Moraes:

| | |
|------------------------|---------------------|
| “Filhos... Filhos? | Mas se não os temos |
| Melhor não tê-los! | Como sabê-lo? |
| Mas se não os temos | Como saber |
| Como sabê-lo? | Que macieza |
| Vem o filho | Nos seus cabelos |
| Começa a aporrinhação: | Que cheiro morno |
| Cocô está branco | Na sua carne |
| Cocô está preto | Que gosto doce |
| Bebe amoníaco | Na sua boca! |

Comeu botão.
Filhos...? Filhos?
Melhor não tê-los.
Noites de insônia
Prantos convulsos
Meu Deus, salvei-o!
Filhos são o demo
Melhor não tê-los...

Chupam gilete
Bebem shampoo
Ateiam fogo no quarteirão
Porém, que coisa
Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!

Referências

KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAIER, Corinne. *Sem filhos: 40 razões para você não ter*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

MELLO FILHO, Julio de. *Vivendo num país de falsos selvas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.